

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE DE ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

ANA MARIA DE MELO

**SENTIMENTOS DESPERTADOS NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM
FRENTE À MORTE DE PACIENTES EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA**

MOSSORÓ
2019

ANA MARIA DE MELO*

**SENTIMENTOS DESPERTADOS NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM
FRENTE À MORTE DE PACIENTES EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado e Bacharel em Enfermagem.
Prof^a (o) Orientador Dr. Lucídio Clebeson de Oliveira*.

MOSSORÓ

2019

* Licenciado e Bacharel em Enfermagem. E-mail: aninha-melo2011@hotmail.com.

Artigo apresentado a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado e Bacharel em enfermagem, sob orientação do Professor Dr. Lucidio Clebson de Oliveira. Mossoró, 2019.

M528s Melo, Ana Maria de
Sentimentos Despertados nos Profissionais de
Enfermagem frente à morte de Pacientes em Unidade de
Terapia Intensiva. / Ana Maria de Melo. - Mossoró, 2019.
57p.

Orientador(a): Prof. Dr. Lucidio Clebeson de Oliveira.
Monografia (Graduação em Enfermagem).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Morte e morrer. Sentimentos. Enfermagem. I.
Oliveira, Lucidio Clebeson de. II. Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte. III. Título.

ANA MARIA DE MELO

**SENTIMENTOS DESPERTADOS NOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM
FRENTE À MORTE DOS PACIENTES EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado e Bacharel em Enfermagem.

Profª (o) Orientador Dr. Lucídio Clebeson de Oliveira.

Aprovado em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucídio Clebeson de Oliveira – Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Profa Dra Kalidia Felipe de Lima Costa - Membro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof Me Johny Carlos de Queiroz - Membro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Dedico este trabalho à minha família, meu namorado e aos meus amigos por terem me acompanhado e ajudado ao longo desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Hoje sinto em mim a emoção da despedida, hoje é o ponto de chegada e ao mesmo tempo, o ponto de partida. Sou o resultado da confiança e do apoio de cada um de vocês. Obrigada.

A Deus pelo sustento, sei que só cheguei até aqui por que esteve comigo, guiando meus passos e me fortalecendo em todos os momentos de fraquezas. Agradeço por tudo que fez e continuará fazendo em minha vida.

Aos meus pais, irmão e cunhada pelo amor e dedicação. Agradeço aqui, o que a rotina me fez calar, muito obrigada por todo o sacrifício e problemas que me ajudaram a enfrentar. Nada teria sido possível sem vocês, essa conquista é nossa. Conseguimos. Quando subir no palco para receber o meu diploma, tenho certeza que uma lagrima irá teimar de cair como expressão de todo o meu agradecimento do carinho e da dedicatória dessa vitória a vocês.

Ao meu namorado, que foi o alívio para os meus estresses e decepções, com o pensamento sempre positivo que se fez de porto seguro para os meus medos. Devo desculpa pela ausência quando meu tempo estava corrido com estágios e trabalhos, e jamais esqueça do meu amor por você. Só nos dois sabemos os problemas até aqui, obrigada por acreditar em mim mais que eu mesma.

Os meus amigos, em especial Anne, Adauto, Amanda e Jaqueline, por me ajudarem a passar por imensos problemas durante esses anos e por me incentivarem a ser uma pessoa melhor. Espero que nossas vidas sejam unidas por laços que nem o tempo, distância e crescimento interior possam desmanchar. Sorte a minha ter tido o privilégio de conviver com vocês e por terem deixado um pouco de cada um de vocês comigo, para que eu possa me espelhar nas pessoas incríveis que vocês são.

Aos docentes da instituição que não somente lecionaram, mas sim, apoiaram e se doaram, mostrando e me dando a certeza que a caminhada do sucesso nunca se faz sozinha. Ao meu orientador, que se faz a pessoa em que mais devo o agradecimento, por auxiliar, pela dedicação e empenho no momento em que me vi mais desesperada, serei eternamente grata. A todos que fizeram parte dessa jornada de aprendizado acadêmico, e além disso, que auxiliaram para a construção de pessoas e caminhos melhores, o meu muito obrigada.

A todos que me ajudaram de forma direta ou indireta, ficarão marcados em minhas lembranças. Gratidão por todo apoio e por confiarem em mim.

“A Morte não é algo que nos espera no fim. É companheira silenciosa que fala com voz branda, sem querer nos aterrorizar, dizendo sempre a verdade e nos convidando à sabedoria de viver. A branda fala da Morte não nos aterroriza por nos falar da Morte. Ela nos aterroriza por nos falar da Vida. Na verdade, a Morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria Vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetrados. Embora a gente não saiba, a Morte fala com a voz do poeta. Porque é nele que as duas, a Vida e a Morte, encontram-se reconciliadas, conversam uma com a outra, e desta conversa surge a Beleza.... Ela nos convida a contemplar a nossa própria verdade. E o que ela nos diz é simplesmente isto: “Veja a vida. Não há tempo a perder. É preciso viver agora! Não se pode deixar o amor para depois...”.

Rubem Alves, A Morte como Conselheira (1991).

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo conhecer e compreender os sentimentos dos profissionais de enfermagem diante da morte de pacientes em Unidade de Terapia Intensiva. O estudo, visando responder ao objetivo, trata-se de uma Revisão Integrativa estruturada nas seguintes etapas: identificação do tema, formulação da pergunta norteadora, elaboração dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos e definição das informações que irão ser extraídas da pesquisa. Os critérios de inclusão foram: artigos que abordassem a temática em estudo no idioma português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram os artigos que abordassem o mesmo tema em Unidades de Terapia Intensiva Neonatais, publicações na forma de cartas, resenhas, comentários, artigos de opinião, relatos de experiência e resumos de anais. Constatou-se que os enfermeiros convivem diariamente com o sofrimento gerado pela perda de alguns pacientes e isso vem a interferir diretamente na prática profissional e em seu lado emocional, decorrente, muitas vezes, de sua formação acadêmica e sendo a mais frequente forma de resolução, os sentimentos de indiferença e negação como mecanismo de defesa e o não envolvimento com os pacientes. Notou-se a importância de refletir sobre a morte para uma melhor assistência e vivência do profissional diante esses acontecimentos.

Palavra- Chaves: Morte e morrer. Sentimentos. Enfermagem.

ABSTRACT

The present study aimed to know and understand the feelings of nursing professionals regarding the death of patients in the intensive care unit. The study, aiming to answer the objective, is an Integrative Review structured in the following steps: identification of the theme, formulation of the guiding question, elaboration of the inclusion and exclusion criteria of the studies and definition of the information that will be extracted from the research. Inclusion criteria were: articles that addressed the theme under study in Portuguese, English or Spanish. Exclusion criteria were articles that addressed the same theme in Neonatal Intensive Care Units, publications in the form of letters, reviews, comments, opinion articles, experience reports and annals abstracts. It was found that nurses live daily with the suffering generated by the loss of some patients and this comes to directly interfere with professional practice and their emotional side, often resulting from their academic background and being the most frequent form of resolution, feelings of indifference and denial as a defense mechanism and non-involvement with patients. It was noted the importance of reflecting on death for a better assistance and experience of the professional in face of these events.

Keywords: Death and dying. Feelings. Nursing.

LISTA DE TABELAS

TABELA I - Distribuição dos dados extraídos na revisão integrativa para a construção das categorias de análise e elaboração da pesquisa. 17

TABELA II - Dados extraídos dos artigos pesquisados.
..... 36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	13
2. MÉTODO.	16
3. RESULTADOS.	17
4. DISCUSSÃO.	24
4.1 Os sentimentos despertados nos profissionais frente ao paciente em processo de morte.....	25
4.2 Sentimentos relacionados ao medo da sua própria finitude.	27
4.3 Reflexo de uma formação acadêmica voltada para cura de doenças.....	28
4.4 Mecanismos utilizados para o enfrentamento dessa questão.....	29
5. CONCLUSÃO.	32
6. REFERÊNCIAS.	33
7. APÊNDICE.	36

1. INTRODUÇÃO

O profissional de enfermagem todos os dias se depara com situações, essas muitas das vezes extremas, que o leva a presenciar as condições de pessoas que estão com algum problema de saúde e acarretado de sofrimento, sejam eles em quadros instáveis, graves, terminais ou no exato momento do fim do ciclo natural da vida. Esta situação, leva o enfermeiro a pensar de que maneira será encarado o momento, em um dos locais em que esse acontecimento é mais recorrente como a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), onde os profissionais são expostos e diversos sentimentos são aflorados diante a situação. A discussão desse trabalho está pautada na relação de como esse processo acontece (SALOMÉ, 2009).

O ciclo natural da vida é muito complexo e compreensível ao mesmo tempo, composto pelo nascimento, crescimento, reprodução e morte, dentro de todo esse processo, dentro desse contexto o fato da morte dos pacientes para alguns profissionais da enfermagem, pode gerar diversos sentimentos, opiniões, pavor e a não aceitação (ROSA, 2015).

Em seu exercício profissional, os enfermeiros estão expostos constantemente entre a dualidade da vida e morte, e a aceitação que essa morte faz parte de umas das fases da vida não é uma tarefa simples e pode ser bastante dolorosa (Barbosa, 2016). Devido a UTI ser um setor que objetiva a internação de pacientes em estado grave, é de extrema importância uma assistência por parte da equipe multiprofissional contínua, com a utilização de recursos físicos e materiais especializados, e a presença do enfermeiro é mais que necessária

A difícil missão de cuidar coloca os profissionais de enfermagem em um dilema entre a responsabilidade, capacidade técnica e dos seus próprios sentimentos, assim, os profissionais enfermeiros são inseridos no ambiente de trabalho em que o despertam uma avalanche de sentimentos, dentre esses sentimentos, a frustração constante quando confrontados com o evento morte (NOAL, 2003).

Para Brasil (2010), a UTI foi concebida como um setor hospitalar destinado aos pacientes criticamente enfermos com perdas ou instabilidades funcionais, além daqueles com necessidade de substituição de funções vitais.

Nas UTIs a morte se constitui como uma realidade para os profissionais que

nela atua, estes muitas vezes sentem a falta de preparo sentimental, alguns não conseguem aceitar a gravidade dos casos que surgem. Conviver na perspectiva constante da morte, dando suporte aos pacientes e familiares torna essa uma realidade de atuação desses profissionais ainda mais desafiadoras (MARQUES, 2013).

O acontecimento da morte neste setor infelizmente é mais subsistente e os profissionais estão propícios ao despertar de sentimentos negativos, o que nos leva a pensar de que maneira acontece essas situações. Esses sentimentos podem levar o profissional a atuar de forma diferenciada, como insatisfeito e indiferente, cada um com suas condições. O que chama atenção é o modo com que o direcionamento psicológico acontece, como esse enfermeiro irá lidar com a situação. O assunto da morte e do morrer ainda é um tabu na sociedade, os profissionais pouco discutem sobre o tema e as pessoas evitam falar pois os podem despertar o medo e pensamentos diversos e individuais (NOAL, 2003).

A percepção referente à morte pode ser vista em várias dimensões de acordo com os costumes de cada sociedade, para alguns a morte é vista como fim de toda existência para outros como o princípio de uma nova vida (MENDES KDS, 2015).

Muitas vezes por motivo dos avanços tecnológicos, pesquisas e das novas formas de formações acadêmicas, o profissional tenta de todas as possibilidades para que o paciente não venha a óbito, alguns por não aceitar a fase final da vida e outros por tentarem fazer diante das circunstâncias, o possível para a morte ser evitada ou adiada, utilizando todos os amparos tecnológicos possíveis, muitas vezes submetendo o paciente a inúmeros procedimentos ou drogas vasoativas por exemplo. Acreditam que pelo motivo de estar inserido em um ambiente com uma concentração de recursos e profissionais especializados, indispensáveis na atenção ao paciente clinicamente comprometido, o acontecimento da morte não pode existir (NOAL, 2003).

Desta forma cabe refletir sobre o fato de por mais que se evite pensar na morte, ela vive no cotidiano de todos os que atuam nas UTI e, em muitos casos, é inevitável fazê-lo, apesar dos recursos disponíveis com o único propósito de superá-la e vencê-la (DANTAS, 2014).

Acompanhar o paciente, seja qual for o seu tipo de tratamento, exige do profissional um preparo que vai além dos seus conhecimentos acadêmicos, o

necessita um preparo psicológico para lidar com a perda de um ser humano que está a sua volta (BARBOSA, 2016).

Devido às inquietações e negação diante do tema, durante a graduação, e por motivos de experiências pessoais, da não aceitação pela morte de outros, por a morte e o morrer ser envolvidos de dúvidas e medos, além de que, futuramente, vivenciar de perto essa realidade. Assim faz-se necessário aprofundar o conhecimento por meio da pesquisa, para tentar compreender vários questionamentos, além de contribuir na discussão sobre a morte. Entendendo-se que é de total importância que o profissional enfermeiro compreenda e conviva com a morte sem que isso lhe cause sentimentos negativos, para que ele detenha uma boa atuação na sua prática, prestando uma melhor assistência ao paciente neste processo e apoio a família do mesmo em um momento tão doloroso como este.

Neste sentido a pesquisa tem como objetivo geral identificar os sentimentos, percepções e motivos aos quais se é gerado o sofrimento dos profissionais de enfermagem diante da morte de pacientes em uma UTI.

2. MÉTODO

Trata-se de uma Revisão Integrativa com a finalidade de ter o contato com o que já foi produzido a respeito do tema. A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e PUBmed. Foram utilizados os seguintes descritores: “Enfermagem” “Morte” “Sentimentos” “Unidade de Terapia Intensiva”.

A formação da amostra para elencar os critérios de inclusão foram: artigos que abordassem a temática em estudo no idioma português, inglês ou espanhol, a fim de apreender o maior quantitativo de produções. Os critérios de exclusão foram os artigos que abordassem o mesmo tema em Unidades de Terapia Intensiva Neonatais, publicações na forma de cartas, resenhas, comentários, artigos de opinião, relatos de experiência e resumos de anais.

Foram utilizadas as seguintes etapas para o método de revisão integrativa: identificação do tema, formulação da pergunta norteadora, elaboração dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos, definição das informações que devem ser extraídas da pesquisa, avaliação dos estudos selecionados, interpretação dos resultados e síntese dos dados colhidos (GALVÃO, 2008).

Sendo assim, foi realizado a leitura na íntegra dos artigos buscando responder à questão norteadora da pesquisa, com auxílio de um instrumento elaborado pelos pesquisadores contendo os seguintes itens: título, objetivo e resultados. Focando nos sentimentos e percepção dos profissionais de enfermagem diante da morte de pacientes em UTI, e buscando a resposta para os seguintes questionamentos: Quais mecanismos são utilizados para o enfrentamento dessa questão? Quais os motivos pelo o qual os profissionais vivenciam esses sentimentos?

Os artigos foram organizados em tabela como recomenda-se Ganong (1987), que diz importante para este tipo de pesquisa que, a representação das características da pesquisa, seja feita por meio de tabelas, para melhor visualização de uma quantidade expressiva de dados, facilitando a avaliação, discussão dos resultados e conclusões.

De acordo com o que foi encontrado, totalizaram-se 19 (dezenove) artigos (Tabela II). Após uma leitura minuciosa apenas 15 (quinze) artigos (Tabela I) se relacionaram ao tema em estudo e foram usados para elaboração do trabalho

diante das informações colhidas, através dos critérios de elegibilidade.

3 RESULTADOS

Tabela I – Distribuição dos dados extraídos na revisão integrativa para a construção das categorias de análise e elaboração da pesquisa.

ARTIGO	OBJETIVOS	CONCLUSÃO
<p>FERNANDES M. F. P., KOMESSU J. H. Desafios do enfermeiro diante da dor e do sofrimento da família de pacientes fora de possibilidades terapêuticas. Ver. esc. enferm. USP vol.47 no.1 São Paulo, 2013.</p>	<p>Identificar os desafios dos enfermeiros para assistir às famílias de pacientes fora de possibilidades terapêuticas diante da dor e do sofrimento.</p>	<p>Conclui-se que os enfermeiros que têm experiência de assistir às famílias de pacientes fora de possibilidades terapêuticas, diante de sua dor e sofrimento, necessitam dialogar com os menos experientes e os recém-formados que estão se iniciando nessa modalidade de cuidar, considerando que todos estão em processo permanente de aprendizagem</p>
<p>BARBOSA, A. M. G. C., MASSARONI L. Convivendo com a morte e o morrer. Ver. enferm UFPE on line, Recife, 10(2):457-63, fev., 2016.</p>	<p>Descrever os fatores que interferem na convivência dos profissionais da saúde com a morte e o morrer.</p>	<p>Notou-se que há a necessidade de discussão e reflexão sobre os fatores encontrados, com implantação de grupos de estudo, na tentativa de melhor conviver com a morte e o morrer.</p>
<p>GUERRA, Débora Rodrigues. As representações sociais da morte</p>	<p>O presente estudo teve como objetivo geral aprender as representações</p>	<p>Percebe-se que há uma expressão de sentimento de impotência,</p>

<p>e do processo de morrer para profissionais que trabalham em Unidade de Terapia Intensiva – UTI /, Débora Rodrigues Guerra. – Natal, RN, 2005. 100f: il.</p>	<p>sociais de médicos e enfermeiros que trabalham em uma UTI sobre a morte e o processo morrer. Conhecer as representações sociais desses profissionais em relação á morte e o processo morrer de pessoas que estão sob os seus cuidados, identificar os fatores que influenciam na construção dessas representações e identificar convergências e divergências entre duas profissões.</p>	<p>fragilidade ou impotência. E sugere a realização de atividades tais como apoio, para os profissionais de enfermagem afim de discutir sobre a temática acerca da morte.</p>
<p>VICENSI, Maria do Carmo. Reflexão sobre a morte e o morrer na UTI: a perspectiva do profissional. 64Rev. bioét. (Impr.). 2016; 24 (1): 64-72http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422016241107.</p>	<p>Compreender sobre a morte e o processo de morrer na perspectiva do profissional em terapia intensiva, por meio do método de revisão bibliográfica. Procura-se também discorrer sobre a morte concebida como perda, sofrimento, mal-estar, tristeza, medo, ausência e fim de tudo.</p>	<p>O estudo evidencia as dificuldades sentidas pelos profissionais, ao admitirem a morte em uma UTI, local onde se luta intensamente pela vida. Constatou-se que essa dificuldade é fruto não apenas da educação contemporânea, mas também da formação desses profissionais, pouco humanizada e distante da conscientização da morte e do processo de morrer como parte da vida.</p>
<p>BARBOSA, Alessandra Monteiro Guimarães Carvalho. Significados da morte e do morrer para a equipe</p>	<p>Identificar e descrever os significados que os integrantes da equipe multiprofissional da Unidade de Terapia Intensiva Adulto de</p>	<p>Evidenciaram-se significados sobre a morte, tais como: um processo natural, uma etapa a cumprir, um</p>

<p>multiprofissional de uma unidade de terapia intensiva adulto /Alessandra Monteiro Guimarães Carvalho Barbosa. –2013.103f.</p>	<p>um Hospital Universitário têm sobre o processo do morrer e da morte e analisar os fatores que interferem na convivência desses profissionais de saúde da Unidade de Terapia Intensiva Adulto com a morte e o morrer.</p>	<p>evento fisiológico e a extinção. Devido à multiplicidade de significados encontrados há necessidade de discussão e reflexão sobre o processo do morrer e da morte, com a expectativa de melhor conviver com esses eventos.</p>
<p>SALOMÉ GM; Cavali A; Espósito VHC. Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde. Rev Bras Enferm. 2009 set-out; out; 62((5): 681-6.</p>	<p>Conhecer as experiências vivenciadas pelos profissionais de enfermagem que trabalham e convivem com a morte em unidade de emergência, possibilitando momentos de reflexão sobre seus significados.</p>	<p>Observou-se que o profissional de enfermagem não está preparado para lidar com tais situações, pois assume um compromisso pela preservação da vida. Também foi possível observar que os sujeitos da pesquisa vivenciam o luto pela morte dos pacientes aos quais prestam cuidados.</p>
<p>ROSA, Danielle de Souza Santa. O enfrentamento emocional do profissional de enfermagem na assistência ao paciente no processo da terminalidade da vida. Revista Enfermagem Contemporânea. 2015 Jan./Jun.;4(1):92-104. DOI: 10.17267/2317-3378rec.v4i1.467.</p>	<p>Compreender os sentimentos dos profissionais de enfermagem frente ao paciente enfermo no processo da terminalidade da vida. Discutir os motivos que levam estes a adotar determinadas posturas (de afastamento ou aproximação) diante desta situação e discutir as implicações do preparo ou</p>	<p>Observa-se que alguns profissionais de enfermagem não estão preparados emocionalmente para lidar com o paciente morrente, tal despreparo reflete na assistência prestada, de forma que este profissional na maioria das vezes assume uma postura de afastamento do</p>

	despreparo deste profissional na assistência ao paciente no processo de morte.	paciente e família.
FREITAS, T. L.; BANAZESKI, et al. O olhar da Enfermagem diante o processo de Morte e Morrer de pacientes críticos: Uma visão integrativa. Enfermeira Global Rev. Eletrônica trimestral, de Enfermagem, n 14, Enero 2016.	Analisar a produção científica nacional sobre a experiência da equipe de enfermagem diante da morte de pacientes críticos. Foi empregado o método de revisão integrativa da literatura.	O estudo possibilitou identificar que há uma deficiência no aprendizado dos profissionais perante o processo de morte e morrer, causando sofrimento da equipe de enfermagem, influenciando na qualidade da assistência prestada ao paciente e sua família. Neste sentido tornam-se relevantes pesquisas acerca desta temática para a ampliação do conhecimento e (re)desconstrução de paradigmas existentes.
MENDES KDS, Silveira RCCP, Galvão cm. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. - 758 - Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 758-64.	O objetivo do estudo foi apresentar os conceitos gerais e as etapas para a elaboração da revisão integrativa, bem como aspectos relevantes sobre a aplicabilidade deste método para a pesquisa na saúde e enfermagem.	Notou-se que para fazer a diferença no que tange a assistência à saúde e de enfermagem, é imprescindível vincular o conhecimento oriundo de pesquisas e da prática clínica. A revisão integrativa é um método de pesquisa incipiente na enfermagem nacional, porém a sua contribuição na melhoria do cuidado

		<p>prestado ao paciente e familiar é inegável. A síntese dos resultados de pesquisas relevantes e reconhecidos mundialmente facilita a incorporação de evidências, ou seja, agiliza a transferência de conhecimento novo para a prática.</p>
<p>PORTELA, Nytale Lindsay Cardoso. Profissionais de enfermagem e a morte em unidade de terapia intensiva: revisão integrativa da literatura. Rev. Augustus Rio de Janeiro v. 19 n. 38 p. 36 - 43 jul. / dez. 2014.</p>	<p>Objetiva investigar os sentimentos dos profissionais de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva diante da morte e suas estratégias de enfrentamento.</p>	<p>Os resultados evidenciaram que os sentimentos da equipe de enfermagem diante da morte são: compaixão, indiferença, impotência, ansiedade, culpa, negação, envolvimento emocional, empatia e tristeza. Conclui-se que os estudos mostram a falta de preparo durante a formação profissional, o que pode repercutir em sua prática, podendo trazer prejuízos psicológicos aos profissionais.</p>
<p>GUTIERREZ, B. A. O.; CIAMPONE, M. H. T. O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 660-667, 2007.</p>	<p>O objetivo deste estudo foi identificar as concepções culturais relacionadas ao processo de morrer e à morte no contexto de trabalho dos profissionais de enfermagem de UTIs.</p>	<p>Mostram múltiplas dimensões determinantes das atitudes e ações profissionais, que vão além do conhecimento técnico. Fica evidente que esses profissionais</p>

		procuram refúgio nas suas crenças e valores para suportar um trabalho que lhes impõe tantas cargas.
FERNANDES PV, Iglesias A, Avellar LZ. O técnico de enfermagem diante da morte: concepções de morte para técnicos de enfermagem em oncologia e suas implicações na rotina de trabalho e na vida cotidiana. <i>Psicol. teor. prá.</i> 2009;11(1):142-152.	O objetivo deste trabalho foi conhecer as concepções de morte para técnicos de enfermagem que lidam com pacientes terminais em um hospital público da Grande Vitória. Pretendeu-se apreender como esses profissionais lidavam com a morte e como isso interferia em suas vidas cotidianas e em suas rotinas de trabalho.	Nessa análise, destacaram-se quatro grandes temas: a concepção de morte, o lidar/enfrentar a morte, os sentimentos ante o óbito e a interferência na vida cotidiana e no trabalho. Os dados indicaram que a concepção de morte mais encontrada no grupo pesquisado foi a de que a morte é um acontecimento normal que faz parte da rotina de trabalho, mas é um tema que deve ser evitado. Considera-se que isso acontece pelo fato de que pensar a morte e considerá-la em profundidade é algo doloroso para o homem, podendo trazer à tona lembranças de outras perdas. Para evitar o contato com a morte, o profissional se apropriava de uma rotina de trabalho acelerada.
SANTOS. Giovani Augusto dos. <i>Befindlichkeit e Stimmung: Os</i>	Objetivo deste trabalho é analisar esses fenômenos, especificamente na	Conclui-se que a falta de preparo durante a formação profissional pode

<p>afetos na analítica existencial de Martin Heidegger. Diaphonía, e-ISSN 2446-7413, v. 5, n. 1, 2019.</p>	<p>analítica existencial do ser - aí.</p>	<p>repercutir em sua prática, podendo trazer prejuízos psicológicos aos profissionais. Ressalta-se a importância da tanatologia ser inserida na matriz curricular e que a equipe de enfermagem receba, continuamente, capacitações e aperfeiçoamentos.</p>
<p>HERMES, H.R.; LAMARCA, I.C.A. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v. 18(9), p. 2577-2588, 2013.</p>	<p>Entender a questão da morte e do morrer, tanto na visão tradicional como na contemporaneidade, e como o cuidado paliativo tem sido tratado nas categorias de trabalho de medicina, serviço social, psicologia e enfermagem.</p>	<p>A análise dos artigos apontou para uma carência de disciplinas que tratem da temática da morte nos currículos profissionais, para poucos serviços de cuidados paliativos na sociedade brasileira e para barreiras que se colocam a esse novo olhar ao paciente terminal.</p>
<p>VIEIRA, Maria Aparecida. Significado da morte para os profissionais de enfermagem que atuam no CTI. Revista Mineira de Enfermagem, 2006. ISSN (online): 2316-9389.</p>	<p>Objetivou-se analisar a situação epidemiológica da hanseníase na microrregião de Almenara/MG.</p>	<p>Concluiu-se que os resultados reforçam a posição da microrregião como prioritária para as ações de eliminação da hanseníase no Estado. O baixo percentual de casos diagnosticados através do exame de contatos, o grande número encontrado nas formas clínicas multibacilares e/ou</p>

		<p>com alguma incapacidade física, sugerem passividade dos serviços de saúde resultando em diagnóstico tardio. Essa situação aponta para a necessidade da intensificação das medidas de controle, descentralizando-as, reforçando o papel da Atenção Básica, promovendo sensibilização popular e capacitação dos profissionais de saúde.</p>
--	--	--

Fonte: Tabela elaborada pela autora, 2019.

4 DISCUSSÃO

Na análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo, um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo. A análise de conteúdo é uma organização sistemática das decisões tomadas, ordenando os resultados no decorrer da análise (Bardin, 1994). Realizou-se uma leitura cautelosa dos 15 artigos elencados para elaboração, momento em que se efetivou a apresentação dos resultados e discussão dos dados, emergindo o conhecimento atual sobre o assunto em questão

Os resultados encontrados se coincidiram, mostrando que a uma expressão de sentimentos negativos, dor e fragilidade dos profissionais diante a situação da morte do paciente, sentimentos esses gerados por motivos pessoais ou de sua formação.

Os dados foram divididos em 4 categorias que mais incidiram nos artigos filtrados e com o objetivo de responder as perguntas norteadoras da pesquisa: (1) Os sentimentos despertados nos profissionais frente ao paciente em processo de

morte; (2) Sentimentos relacionados ao medo da sua própria finitude; (3) Reflexo de uma formação acadêmica voltada para cura de doenças; (4) Mecanismos utilizados para o enfrentamento dessa questão.

4.1 Os sentimentos despertados nos profissionais frente ao paciente em processo de morte.

De acordo com a pesquisa, compreende-se que a morte está presente no cotidiano da sociedade moderna como uma assombração que deve ser evitada. Frequentemente, os doentes ditos "terminais" são afastados do convívio dos seus familiares e amigos, sendo levados para asilos e hospitais, dentre outros locais, dando destaque para compreender que há muitas razões para se fugir de encarar a morte. Alguns profissionais entendem a morte como algo contraditório, um medo de ser ocorrido com os pacientes no dia a dia em seu processo de trabalho. Percebe-se que esse fato pode ser o reflexo da aversão que os profissionais têm da morte, e que pode afetar diretamente ao seu trabalho prestado, pois tentam o distanciamento quando percebem que o caso do paciente, muitas vezes, não tem mais chances de cura.

Os enfermeiros passam por dificuldades diante desse acontecimento e de lidar com a dor do paciente e dos seus familiares diante da morte, mesmo com todo amparo tecnológico, assistência e cuidado prestado, os profissionais vem a vivenciar inúmeros sentimentos como a impotência, tristeza, indignação, dor da perda, e até culpa. Mesmo sabendo que a morte é um processo natural da vida, esses profissionais têm impasses para aceita-la, e essa não aceitação pode afetar diretamente o seu eu pessoal, fazendo de uma situação inevitável, um caso de estresse e frustração (FERNADES, 2013).

Crê-se que uma das perguntas que mais questiona o ser humano é "o que é a morte?", e tem múltiplas respostas, mas nenhuma delas conclusiva, pois a questão transcende os aspectos naturais ou materialistas e, até biologicamente, é difícil uma resposta unânime.

Vieira (1999, p. 80) define a morte "como a cessação total ou permanente de todas as funções ou ações vitais de um organismo".

Enquanto que para Boff (2002, p.208) "a morte é, sim, o fim da vida. Mas fim entendido como meta alcançada, plenitude almejada, lugar do verdadeiro nascimento".

Portela (2014), entende que morrer, atualmente, é triste, solitário, mecânico e desumano, porque o paciente é removido do ambiente familiar e levado às pressas para o hospital acabando-se, assim, os rituais de despedida no leito, o acerto de contas com a vida, a presença do sacerdote para dar a extrema-unção e os testamentos.

Atualmente, há um afastamento da morte, o que é refletido na modificação das atitudes perante ela, diante da morte, o imperativo é o silêncio. A pesquisa mostra que a grande cena da morte foi transformada em um ato frio, onde ninguém tem direito de se emocionar, senão às escondidas, para não perturbar os sobreviventes, ocultam e não encaram os sentimentos que a morte os causam. Para alguns enfermeiros, a morte do paciente se entende como um erro em sua atuação profissional, e esse acontecimento o gera o sentimento de fracasso diante da sua assistência prestada. A perda desse paciente o traz à tona vários sentimentos negativos e, por não sabermos descrever o fato da morte, se cria uma expectativa e sentimento de terror sobre ela (VIEIRA, 2006).

Para Chiavenato (1998), conforme citado por Vieira (2006), quanto mais se avança na ciência, mais se nega e se teme a realidade da morte, com sua negação, nega-se, também, a doença e oculta-se do doente que seu estado é grave e que vai morrer, considerando-se tal atitude um ato de piedade. As decisões acerca da vida ficam nas mãos da família e da equipe de saúde, que escolhem o que julgarem melhor para ele.

Partindo desse comportamento, a morte transformou-se em um fenômeno a ser vivido discretamente, tornando-a técnica e institucional. Esse fato contribuiu para aumentar a dificuldade de seu enfrentamento e o distanciamento, tornando-se um ato solitário e impessoal. Kovács (2003) mostra que a dificuldade do ser humano sobre esse assunto é pelo fato de gerar sentimentos de medo e insegurança em que a morte é algo que não pode ser descrito, pensado, nomeado, algo frente ao qual não se encontram palavras.

Araújo e Vieira (2004) diz que os casos de enfermidades graves são encaminhados às UTI dos hospitais que a possuem, locais onde se encontram as equipes especializadas, restando ao doente o silêncio, a solidão e o medo da morte iminente.

Sobre esse olhar para a UTI, Rockrmbach; Casarin; Siqueira, (2010); Silva; Valença; Germano, (2010), conforme citado por Rocha et al., (2017, p. 01)

descrevem que:

Podem ser vistas como locais "frios", onde os enfermeiros dispensam uma enorme atenção aos aspectos técnicos em detrimento das questões humanas. Nesse espaço, as mortes que ali acontecem tornam os profissionais frequentemente expostos ao evento morte e aos conflitos que dela advêm. A equipe, diante do limite entre vida e morte, é confrontada a todo momento com a impotência e os limites da sua atuação. ROCKEMBACH; CASARIN; SIQUEIRA, (2010); SILVA; VALENÇA; GERMANO, (2010), citado por ROCHA et al., (2017, p. 01).

Porém, muitas vezes se é esquecido o fato de que a vida não é separada da morte, e que, a partir do momento do nascimento, já se está pronto para morrer, sendo que a vida e morte chegam juntas ao mundo. Para os enfermeiros, essa compreensão e aceitação as vezes é difícil devido ao laço afetivo que se é feito com os pacientes, por ser um dos profissionais que estão ligados diretamente no dia a dia. A regressão do estado de saúde e a evolução para o óbito dos pacientes exige do profissional um preparo que vai além dos seus conhecimentos acadêmicos.

4.2 Sentimentos relacionados ao medo da sua própria finitude.

Apesar da morte e o morrer fazer parte do curso natural da vida, a aceitação é difícil por parte dos profissionais que tentam a todo custo, a dominação para que a perda do paciente não venha acontecer. Alguns profissionais entendem a morte como algo contraditório, um medo de ser ocorrido no dia a dia. Medo este, que tem um lado vital e natural, mas precisa estar presente na medida certa, apesar do medo ser ligado o fim da própria vida e da vida dos entes queridos.

Mesmo sendo o único ser vivo que sabe que vai morrer, o homem tenta negar sua terminalidade. Prepara-se para a comunhão, para o casamento, para uma festa, mas não para a morte. Vive como se nunca fosse morrer e por mais que saiba da existência da morte, essa é dificilmente aceita como real. Além do medo do desconhecido e da solidão, a pessoa não quer desligar-se daquilo que construiu durante toda a sua vida, dos seus laços afetivos, espirituais, ideológicos e materiais (VIEIRA, 2016).

Para os profissionais que atuam na UTI, a morte do paciente é algo que se é presenciado frequentemente e percebe-se a necessidade de uma preparação para esses enfermeiros para que possam compreender e aceitar o morrer e a morte, como parte integrante do seu fazer. Mas nota-se que se é frequente que este assunto seja afastado das discussões, devido à dificuldade de lidar com o mesmo.

Percebe-se a importância de debater sobre, pelo o fato de a UTI ser um ambiente no qual a maioria dos pacientes são portadores de algum problema grave, e os profissionais que ali trabalham já deveriam estar preparados para enfrentar o processo de morrer e de morte (MATTOS et al, 2018).

Rosa (2015), acredita que mesmo na tentativa de se acostumar com a morte, os profissionais sentem dificuldade em presenciá-la, mesmo que a considerem como um acontecimento normal, pois, ao vivenciarem a morte do paciente, experimentam o medo da própria morte.

Percebe-se que a morte do outro nos faz refletir sobre como estamos vivendo, o que não se foi feito, vivido e aproveitado, pois a morte do outro nos faz lembrar da nossa própria morte, por isso seja tão complicado vivenciar este momento. A palavra morte é temida e impronunciável no vocabulário cotidiano, pois causa questionamento, dúvida e inquietude por ser algo desconhecido. Sabe-se que é um fenômeno natural, entretanto, permanece sem uma definição até os dias de hoje. O processo de morte e morrer ainda causam muitas indagações e mistérios, mesmo sendo uma fase natural no percurso da vida.

Muitas pessoas se chocam com o momento da morte, não somente a morte, mas o ritual da morte e, não somente pelo outro, o que morreu, mas por ser o momento em que encaram de forma mais próxima a sensação de impermanência de si mesmo, isto é, por colocarem-se no lugar do outro (o sujeito da morte) naquele momento (NOAL, 2003).

4.3 Reflexo de uma formação acadêmica voltada para cura de doenças.

Nos artigos de enfermagem selecionados para esta pesquisa, foi percebido que o currículo profissional da categoria da enfermagem carece de disciplinas voltadas para a finitude humana, e que se sentem despreparados para lidar com os pacientes que estão à morte. Boa parte do ensino é voltado para a cura, as tecnologias, inúmeros procedimentos e a salvação da vida do paciente. Pouco se é discutido sobre como lidar com o fim da vida e os cuidados paliativos para a melhora dos sintomas nessa situação.

A compreensão multideterminada do adoecimento proporciona à equipe uma atuação ampla e diversificada que se dá através da observação, análise, orientação, visando identificar os aspectos positivos e negativos, relevantes para a evolução de cada caso. Além disso, os saberes são inacabados, limitados, sempre

precisando ser complementados. O paciente não é só biológico ou social, ele é também espiritual, psicológico, devendo ser cuidado em todas as esferas, e quando uma funciona mal, todas as outras são afetadas (JUVER E RIBA 2009, citado por HERMES E LAMARCA, 2013).

A maioria das universidades ainda não valoriza esse cuidar para além do curar e mantem o foco em ações que valorizam a tecnologia de ponta, destacando como preceito a ser seguido a salvação da vida a qualquer custo, trazendo como cenário a dor e sofrimento prolongado. Pouco se aprende sobre como lidar com o fim de vida e questões emergentes desta situação (Pessini, 2016). O primeiro contato com o óbito do paciente, muitas vezes, acontece em estágios curriculares da formação dos enfermeiros, o que vem a gerar angustia e o desespero para lidar com a situação, em que muitas vezes pode ser traumatizante. Essa fragilidade é o reflexo dos sentimentos pessoais e a falta de discursão sobre o tema durante a formação acadêmica.

Percebe-se que inserir momentos de vivência e reflexão acerca da perda e do luto é fundamental para que os alunos não se sintam despreparados ao lidarem com a realidade hospitalar, a qual exigirá uma postura livre de tabus, conceitos ou religião e participativa em uma relação de ajuda e cuidado. Igualmente, fomentar a discussão acerca do processo de morrer e da morte em si possibilita reforçar a necessidade de se desconstruir, construir e reconstruir novos pilares para os conteúdos curriculares. Investigar a morte e o morrer, como parte da existência no contexto da formação do enfermeiro, significa uma relevante contribuição para torná-lo um profissional crítico, reflexivo, criativo e humanista (ROCHA, 2017).

É de fundamental importância para o paciente fora de possibilidades terapêuticas de cura que a equipe esteja bastante familiarizada com o seu problema, podendo assim ajudá-lo e contribuir para uma melhora (Hermes e Lamarca, 2013). Acreditasse que quanto mais vasto for o entendimento, discursão e espaços para debates na formação, melhor será a assistência prestada por esses futuros profissionais. Pois a formação pode e deve ser agente de fortalecimento e preparação deste para a sua vida e vivencia profissional, desta forma, a vivencia acadêmica é o momento de deparar-se com a realidade vivenciada na futura atuação profissional.

4.4 Mecanismos utilizados para o enfrentamento dessa questão.

A enfermagem é uma das categorias que mais se desgastam emocionalmente devido à constante interação com os pacientes enfermos e suas internações, acompanhando o sofrimento, a dor, a doença e a morte do ser cuidado (Hermes e Lamarca, 2013). O envolvimento biológico, acontecimentos, acompanhamento da história clínica e o contato, muitas vezes diário, torna a perda desse paciente um processo inadmissível.

Decorrente do fato, de muitos casos, o profissional acreditar que a vida dos pacientes depende dos seus conhecimentos, da sua capacidade de observação, sentem-se ainda mais responsáveis pela vida e sentem-se fragilizados frente a situações de morte e morrer, podendo assim, desenvolver problemas emocionais. Quando a morte chega para um paciente com o qual o contato estabelecido foi maior, os profissionais da enfermagem tornam-se mais sensíveis e expostos ao sofrimento. Diante disso, alguns profissionais negam o envolvimento emocional, por acreditarem que uma relação mais íntima entre paciente e equipe de enfermagem propiciará o compartilhamento de sentimentos negativos (MATTOS et al, 2018).

Segundo Santos e Hormanez (2013) a exposição contínua e constante ao estresse gerado pelo contato cotidiano com a morte e o morrer dos pacientes, sem que haja dispositivos protetores institucionalizados para seu alívio e elaboração, pode afetar a saúde mental dos profissionais.

Gutierrrz (2007) considera que “a esperança em relação ao tratamento/melhora do paciente, a tranquilidade e a calma são importantes para o enfrentamento do processo de morte”.

Mesmo os profissionais que trabalham há muito tempo em unidades que convivem com pacientes em situações de morte eminente, como a UTI, tem dificuldade em encontrar formas de enfrentamento, muitos acabam se isolando e não partilhando com o restante da equipe suas angustias, temores e sofrimentos. A tristeza é um sentimento inerente ao ser humano, todas as pessoas sentem em alguma parte de sua vida, e como os profissionais da área da saúde estão próximos a vivenciar isso diariamente, são candidatos ilustres e vulneráveis a ela. Com a convivência é frequente a esse processo, acabam tornando-se sem defesa e negando a morte, tendo características de estigma nas equipes (SALOME, 2009 citado por FREITAS, 2016 p. 342).

O medo, percebido através do processo de negação da morte, também é gerado pela insegurança, pelo desconhecimento desse futuro ou talvez por um sentimento de onipotência (Noal, 2003). Para ajudar os profissionais que são

expostos a esses acontecimentos, percebesse a importância de ações como grupos de apoios e momentos de reflexão.

Embora a morte faça parte da vida, falar sobre ela sempre assusta o ser humano, mesmo em se tratando dos profissionais de saúde. Verificou-se que esta estratégia é uma tentativa de colocar a morte em um lugar de exclusão e silêncio. Vale considerar que toda situação de perda gera sofrimento e transtornos ao profissional de saúde, independentemente do cuidado dispensado à pessoa.

Contatou-se nas pesquisas que os trabalhadores de enfermagem ao enfrentar o processo de morte utilizam diversas maneiras de enfrentamento, nessas situações, a de negação, distanciamento e indiferença são mais presentes, evitando o contato e falar sobre o assunto, pois sofrem ao verem o sofrimento dos pacientes diante do processo de morrer e sentem intensamente quando os perdem.

Decorrente disso, ao utilizar-se esses mecanismos de defesa, de pouco ou nenhum envolvimento com o paciente, pode-se criar uma armadura protetora ao profissional, que se manifesta numa aparente fraqueza e frieza, e é bastante criticada e não entendida por os outros profissionais. Isso poderá impedir o enfermeiro de crescer humano e profissionalmente, interferindo na forma de cuidar do paciente em processo de morte e da assistência a família diante desse momento tão delicado.

5 CONCLUSÃO

A morte é um tabu e de difícil aceitação que gera inúmeros sentimentos ao enfermeiro, podendo interferir diretamente na prática profissional e em seu lado emocional. O tema dos sentimentos gerados nos profissionais de enfermagem sobre a morte dos pacientes foi escolhido diante da pouca discussão na sociedade e universidades, por ser um tema que gera rejeição, dificultando o melhor entendimento e aceitação mesmo sabendo que é a única certeza que temos, é que vamos morrer.

Ainda que seja um processo natural do ciclo da vida, o processo de morte e morrer ocasionam sentimentos da dor da perda, negação, impotência e grande tristeza, podendo levar até a raiva de si mesmo por não ter conseguido evitar a morte desse paciente. E a morte do outro é tão provocativo quanto a capacidade de visão da nossa própria morte, diante disso, os profissionais utilizam alguns mecanismos de defesa, os sentimentos de indiferença e negação são os mais aplicados, com o intuito de se afastar do acontecido a fim de evitar danos psicológicos e sentimentais.

Durante a formação acadêmica, muitas vezes, o assunto morte é banido, causando assim um despreparo e uma aproximação, dificultando o modo dos acadêmicos encarar e lidar com a morte dos pacientes durante o estágio e como futuro profissionais. Verifica-se a necessidade e importância de momentos de discussões para esses acadêmicos e para os profissionais, onde possam trabalhar os seus sentimentos, debater sobre e aprender para uma melhor convivência, de uma forma menos dolorosa diante a situação da perda do paciente. Assim como nota-se a importância de pesquisas sobre o tema para os profissionais da saúde, para que com os resultados, possam implementar estratégias para o melhoramento dos aspectos emocionais.

Destacamos a melhor compreensão do tema, mas a aceitação e para conforma-se com o acontecimento da morte do paciente, é algo que deve ser trabalhado individualmente, pois mesmo com a pesquisa ainda é difícil a aceitação, mas percebe-se necessário que os enfermeiros estejam preparados para a melhoria e qualidade da assistência prestada no âmbito profissional.

6 REFERENCIAS

ALVES, Rubem. **A morte como conselheira**. In CASSORLA. Roosevelt M. S. (coord. Campinas: Papyrus, 1991.

ARAÚJO PVR, Vieira MJ. **A questão da morte e do morrer**. Rev Bras Enf 2004 maio/jun.;57(3):361-3.

BARBOSA, A. M. G. C., MASSARONI L. **Convivendo com a morte e o morrer**. Rev enferm. UFPE on line. Recife, 10(2):457-63, fev, 2016.

BARBOSA, Alessandra Monteiro Guimarães Carvalho. **Significados da morte e do morrer para a equipe multiprofissional de uma unidade de terapia intensiva adulto**. –2016.103 f.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1994.

BOFF, **Vida para além da morte**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 2002. 208p.

BRASIL. Resolução da Diretoria Colegiada nº. 07, de 24 de fevereiro de 2010: **Dispõe sobre os requisitos mínimos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências**. DOU Nº 37 – de 25/02/10 – seção1 – p. 48, 2010.

CHIAVENATO J. J. **A morte: uma abordagem sócio cultural**. 2ª ed. São Paulo: Moderna; 1998. 126p.

DANTAS LM. **A enfermagem e os cuidados paliativos na terminalidade em UTI: revisão bibliográfica**[dissertação]. João Pessoa: Sobrati; 2014.

FERNANDES P. V, Iglesias A, Avellar LZ. **O técnico de enfermagem diante da morte: concepções de morte para técnicos de enfermagem em oncologia e suas implicações na rotina de trabalho e na vida cotidiana**. Psicol. teor. prá. 2009;11(1):142-152.

FERNANDES M. F. P., KOMESSU J. H.. **Desafios do enfermeiro diante da dor e do sofrimento da família de pacientes fora de possibilidades terapêuticas**. Ver. esc. enferm. USP vol.47 no.1 São Paulo, 2013.

FREITAS, T. L.; BANAZESKI, et al. **O olhar da Enfermagem diante o processo de Morte e Morrer de pacientes críticos: Uma visão integrativa**. Enfermeira Global Rev. Eletrônica trimestral, de Enfermagem, n 14, Enero 2016.

GALVÃO C. M, SAWADA N. O, MENDES I. A. **A busca das melhores evidências**. Rev Esc Enferm USP. 2003 Dez; 37(4):43-50.

GANONG L. H. **Integrative reviews of nursing research**. Res Nurs Health. 1987; 10:1-11.

- GUTIERREZ, B. A. O.; CIAMPONE, M. H. T. **O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 660-667, 2007.
- HERMES, H.R.; LAMARCA, I.C.A. **Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 18(9), p. 2577-2588, 2013.
- JUVER J, RIBA JP. **Equipe multidisciplinar em cuidados paliativos**. Rev Pratica Hospitalar 2009;62(11):135-137.
- KOVÁCKS, Maria Júlia. **Educação para a morte: temas e reflexões** / Maria Júlia Kovács – São Paulo: Casa do Psicólogo; Fapesp, 2003.
- MARQUES, C. D. C.; VERONEZ, M.; SANCHES, M. R.; HIGARASHI, I. H. **Significados atribuídos pela equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva pediátrica ao processo de morte e morrer**. REME - Revista Mineira de Enfermagem, v. 17, n. 4, p. 831- 837, 2013.
- MATTOS, T. A. D., et al. **Profissionais de enfermagem e o processo de morrer e morte em uma unidade de terapia intensiva**. REME - Revista Mineira de Enfermagem, v. 13, Florianópolis/Santa Catarina, 2018.
- MENDES K. D. S, SILVEIRA RCC, GALVÃO CM. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. - 758 - Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 758-64.
- MOTA, M. S., GOMES, COELHO, G. C., FILHO, W. D. L., SOUSA, L. D., **Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados**. Rev. Gaúcha Enferm. (Online) vol.32 no.1 Porto Alegre Mar. 2011.
- NOAL, Fernando Oliveira. **As trocas simbólicas e o tempo do desaparecimento. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. ISSN 1678-7730, Santa Catarina, 2003.
- PESSINI, L. **Vida e morte na UTI: a ética no fio da navalha**. Rev. Bioét., v. 24, n. 1, p. 54- 63, 2016.
- PORTELA, Nytale Lindsay Cardoso. **Profissionais de enfermagem e a morte em unidade de terapia intensiva: revisão integrativa da literatura**. Rev. A u g u s t u s | R i o d e J a n e i r o | v. 1 9 | n. 3 8 | p. 3 6 - 4 3 | j u l. / d e z. 2 0 1 4.
- ROSA, Danielle de Souza Santa. **O enfrentamento emocional do profissional de enfermagem na assistência ao paciente no processo da terminalidade da vida**. Revista Enfermagem Contemporânea. 2015 Jan./Jun.;4(1):92-104. DOI: 10.17267/2317-3378rec.v4i1.467
- ROCHA, D. D.; ET AL., **Sentimentos vivenciados pelos profissionais de Enfermagem diante de morte em unidade de terapia intensiva neonatal**. ed. Mental vol.11 no.21 Barbacena jul./dez. 2017.

ROCKEMBACH, J. V.; CASARIN, S. T.; SIQUEIRA, H. C. H. **Morte pediátrica no cotidiano de trabalho do enfermeiro: sentimentos e estratégias de enfrentamento.** Revista Rene, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 63-71, abr./jun. 2010.

SALOMÉ GM; CAVALI A; ESPÓSITO VHC. **Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde.** Rev. Bras Enferm. 2009 set-out; out; 62((5): 681-6

SANTOS. Giovani Augusto dos. Befindlichkeit e Stimmung: **Os afetos na analítica existencial de Martin Heidegger.** Diaphonía, e-ISSN 2446-7413, v. 5, n. 1, 2019.

SANTOS, M. A.; HORMANEZ, M. **Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década.** Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 9, p. 2757-2768, 2013.

VICENSI, Maria do Carmo. **Reflexão sobre a morte e o morrer na UTI: a perspectiva do profissional.** 64Rev. bioét. (Impr.). 2016; 24 (1): 64-72<http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422016241107>.

VIEIRA, Maria Aparecida. **Significado da morte para os profissionais de enfermagem que atuam no CTI.** Revista Mineira de Enfermagem, 2006. ISSN (online): 2316-9389.

7 APÊNDICES

Tabela II - Dados extraídos dos artigos pesquisados.

<p>Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década.</p> <p>Autor: Manoel Antônio dos Santos e Marília Hormanez.</p> <p>Palavras-chave: Morte, Morrer, Atitude frente à morte, Enfermagem, Enfermeiras, Estudantes de enfermagem.</p> <p>Tipo do trabalho: Revisão integrativa.</p>	<p>Este estudo teve por objetivo investigar a atitude perante a morte entre profissionais e estudantes de enfermagem.</p>	<p>Os dados foram coletados por meio de buscas nas bases Lilacs, MedLine, PsycINFO e CINAHL, utilizando os descritores "nurses" e "attitude to death", no período de 2000 a 2011. Das 1376 referências levantadas, 262 foram selecionadas para extração dos dados e 35 foram recuperadas na íntegra, constituindo o corpus da pesquisa. Os resultados evidenciaram predomínio de artigos publicados em periódicos brasileiros. Os estudos indicam que o assunto morte e morrer têm sido negligenciados pelas instituições de formação, o que gera sofrimento entre profissionais e estudantes quando enfrentam a questão na prática, além de condutas inapropriadas diante dos pacientes que vivenciam o processo de morte. Como conclusão ressalta-se a necessidade de futuras pesquisas, que possam fornecer esclarecimentos mais pormenorizados a respeito do tema e busquem estratégias para suprirem a falta de preparo e respaldo dos profissionais de enfermagem ao vivenciarem a morte e o morrer.</p>
<p>O enfrentamento emocional do profissional de enfermagem na assistência ao paciente no processo da terminalidade da vida.</p> <p>Autor: Danielle de Souza Santa Rosa e Selma Aleluia Couto.</p> <p>Palavras-chave: Terminalidade; Assistência de</p>	<p>Os objetivos foram: Compreender os sentimentos dos profissionais de enfermagem frente ao paciente enfermo no processo da terminalidade da vida. Discutir os motivos que levam estes a adotar determinadas posturas (de afastamento ou aproximação) diante desta situação e discutir as implicações do preparo ou</p>	<p>Após análise dos artigos surgiram três categorias: Sentimentos dos profissionais de enfermagem frente ao paciente enfermo no processo da terminalidade; Posturas dos profissionais de enfermagem frente ao paciente no processo da terminalidade; Implicações do preparo ou despreparo do profissional de enfermagem na assistência ao paciente no processo de morte. Após a revisão, observamos</p>

<p>enfermagem.</p> <p>Tipo do trabalho: Revisão bibliográfica, descritiva, de natureza qualitativa.</p>	<p>despreparo deste profissional na assistência ao paciente no processo de morte.</p>	<p>que alguns profissionais de enfermagem não estão preparados emocionalmente para lidar com o paciente morrente, tal despreparo reflete na assistência prestada, de forma que este profissional na maioria das vezes assume uma postura de afastamento do paciente e família.</p>
<p>Reflexão sobre a morte e o morrer na UTI: a perspectiva do profissional.</p> <p>Autor: Maria do Carmo Vicensi.</p> <p>Palavras-chave: Morte. Cuidados paliativos na terminalidade da vida. Equipe de assistência ao paciente. Unidades de terapia intensiva.</p> <p>Tipo do trabalho: Revisão bibliográfica.</p>	<p>Busca ressaltar que esse processo, embora faça parte do contexto laboral desses profissionais, desperta sentimentos de impotência, de indiferença e até mesmo de fuga e negação, demonstrando desconforto ou, ainda, certa tentativa de camuflar o verdadeiro sentimento em relação à morte. Procura-se também discorrer sobre a morte concebida como perda, sofrimento, mal-estar, tristeza, medo, ausência e fim de tudo.</p>	<p>O estudo evidencia as dificuldades sentidas pelos profissionais, ao admitirem a morte em uma UTI, local onde se luta intensamente pela vida. Constatou-se que essa dificuldade é fruto não apenas da educação contemporânea, mas também da formação desses profissionais, pouco humanizada e distante da conscientização da morte e do processo de morrer como parte da vida.</p>
<p>A morte e o processo de morrer: sentimentos manifestados por Enfermeiros.</p> <p>Autor: Luis Paulo Souza.</p> <p>Tipo de pesquisa: Qualitativa</p>	<p>Objetivou conhecer os sentimentos vivenciados por enfermeiros diante da morte e o processo de morrer.</p>	<p>Verificou que os enfermeiros emergem sentimentos como: impotência, angústia, sofrimento, tristeza, medo. E esses sentimentos interferiram na assistência prestada ao enfermo e sua família, mas, por outro lado, mostrou que, apesar da vivência constante com a morte na sua prática na UTI, os enfermeiros ainda se sensibilizam com o processo de morte. Observou-se, também, uma preocupação e solidariedade constante desses profissionais em relação à família do paciente, sendo esta valorizada e inserida no contexto hospitalar e de cuidado. Em seus relatos, os pesquisados demonstraram ver a morte como fato natural, mas acabam desenvolvendo uma forma de defesa frente à dor e</p>

		ao sofrimento. Para eles, esses “distanciamentos” são necessários a fim de evitar prejuízos nos aspectos psicológicos e emocionais.
<p>O olhar da Enfermagem diante do Processo de Morte e Morrer de pacientes críticos: Uma revisão integrativa.</p> <p>Autor: Tiago Luan Labres de Freitas.</p> <p>Tipo de trabalho: Revisão integrativa da literature.</p>	<p>Este estudo tem como objetivo: Analisar a produção científica nacional sobre a experiência da equipe de enfermagem diante da morte de pacientes críticos.</p>	<p>O estudo possibilitou identificar que há um imenso despreparo dos profissionais perante o processo de morte e morrer, causando sofrimento da equipe de enfermagem, influenciando na qualidade da assistência prestada ao paciente e sua família. Com isso os profissionais acabam trazendo sensações de dor pela perda, ou sentimentos de negação, insatisfação, tristeza e até raiva, por não conseguirem manter a vida deste paciente, ocasionando uma baixa-autoestima desgastando os profissionais e a equipe. Percebe-se que este tema era considerado pouco relevante para ser trabalhado na academia, pois o foco era biologicista, fato este que vem sendo mudado discretamente com o tempo com a reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) dos cursos de graduação, assumindo um perfil de formação de um profissional voltado para atenção bio-psico-social.</p>
<p>O técnico de enfermagem diante da morte: concepções de morte para técnicos de enfermagem em oncologia e suas implicações na rotina de trabalho e na vida cotidiana.</p> <p>Autor: Priscila Valverde Fernandes; Alexandra Iglesias e Luziane Zacché Avellar.</p> <p>Palavras-chave: Sofrimento</p>	<p>O objetivo deste trabalho foi conhecer as concepções de morte para técnicos de enfermagem que lidam com pacientes terminais em um hospital público da Grande Vitória. Pretendeu-se apreender como esses profissionais lidavam com a morte e como isso interferia em suas vidas cotidianas e em suas rotinas de trabalho. Para atingir os objetivos propostos, realizaram-se observações participantes registradas</p>	<p>Nessa análise, destacaram-se quatro grandes temas: a concepção de morte, o lidar/enfrentar a morte, os sentimentos ante o óbito e a interferência na vida cotidiana e no trabalho. Os dados indicaram que a concepção de morte mais encontrada no grupo pesquisado foi a de que a morte é um acontecimento normal que faz parte da rotina de trabalho, mas é um tema que deve ser evitado. Considera-se que isso acontece pelo fato de que pensar a morte e considerá-la</p>

<p>psíquico, Ambiente hospitalar, Cotidiano de trabalho, Saúde, Saúde mental.</p> <p>Tipo do trabalho: Qualitativo.</p>	<p>em um diário de campo e entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e transcritas na íntegra.</p>	<p>em profundidade é algo doloroso para o homem, podendo trazer à tona lembranças de outras perdas. Para evitar o contato com a morte, o profissional se apropriava de uma rotina de trabalho acelerada.</p>
<p>A vivência do enfermeiro em terapia intensiva: estudo fenomenológico.</p> <p>Autor: Kalina Siqueira de Moura.</p> <p>Palavras-chave: Enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva e Percepção.</p> <p>Tipo do trabalho: Descritiva/exploratória, qualitativa, de abordagem fenomenológica.</p>	<p>Tendo em vista a importância do cuidado de enfermagem no espaço da terapia intensiva, este estudo teve por objetivo compreender a percepção do enfermeiro acerca de sua vivência no processo de cuidar de pacientes internados em unidade de terapia intensiva (UTI).</p>	<p>Participaram 7 enfermeiros intensivistas de um hospital universitário, em Natal/RN, que responderam a entrevista semiestruturada. Revelou-se que a vivência do enfermeiro apresenta aspectos relacionados ao ambiente físico da Unidade de Terapia Intensiva, ao sofrimento dos clientes, ao vínculo com o cliente e a família, como também as dificuldades cotidianas no ambiente de trabalho. Conclui-se que o cuidado de enfermagem proporciona a formação de um elo de amizade e solidariedade entre o profissional, o paciente e seus familiares. Para desenvolver esse cuidado, os profissionais de enfermagem necessitam de um suporte emocional que amenize o estresse causado pela rotina desgastante da Unidade de Terapia Intensiva. O surgimento e expressão desses sentimentos são inerentes à condição humana, contudo, muitas vezes eles são intimidados devido ao preconceito existente em expor os mesmos, mistificando o profissional como ser inatingível.</p>
<p>Significados atribuídos pela equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva pediátrica ao processo de morte e morrer.</p> <p>Autor: Camilla Delavalentina Cavallini Marques.</p>	<p>O presente estudo buscou evidenciar os sentimentos vivenciados pelo profissional de enfermagem diante da morte do paciente pediátrico, de modo a delinear essa realidade de trabalho, a partir da perspectiva de seus atores sociais.</p>	<p>Da análise dos relatos depreenderam-se três categorias temáticas: sentimentos da equipe de enfermagem frente à morte; lidar com a perda dos que permanecem: as possibilidades e os limites do cuidado com famílias; e vivenciando o processo do morrer no ambiente de trabalho. Os resultados</p>

<p>Palavras-chave: Criança; Cuidados de Enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva; Morte.</p> <p>Tipo do trabalho: Qualitativa</p>		<p>mostraram que o enfrentamento da morte constitui uma situação delicada, demandando abordagem cautelosa que considere as necessidades de todos os envolvidos: criança, família e equipe. Evidenciou-se que a temática da morte permanece pouco explorada e discutida na formação profissional e que a organização de serviços de apoio específicos nas instituições poderia contribuir para uma atenção mais qualificada nesses contextos.</p>
<p>O processo de cuidar do enfermeiro diante da morte.</p> <p>Autor: Amanda Regina da Silva Góis e Fátima Maria da Silva Abrão.</p> <p>Palavras-chave: Enfermagem; Cuidados de enfermagem e Morte.</p> <p>Tipo do trabalho: Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa.</p>	<p>Este estudo, teve como objetivo analisar como os enfermeiros lidam com a morte e a religiosidade no processo do cuidar.</p>	<p>Emergiram categorias que trazem consigo ideias contraditórias sobre a morte, negação e aceitação; sofrimento e alívio; profissionalismo e esperança; emoções, sentimentos e apenas ciência; fé e tecnologia. O enfermeiro necessita de apoio oriundo da formação acadêmica para lidar com a morte e compreender as atitudes, estratégias de enfrentamento que envolvem elementos da religiosidade.</p>
<p>Morte e luto: competências dos profissionais</p> <p>Autor: Nazaré Maria de Albuquerque Hayasida.</p> <p>Palavras-chave: competência profissional, luto, morte.</p> <p>Tipo do trabalho: revisão bibliográfica.</p>	<p>Este artigo tem como objetivo revisar a morte, o luto e as competências profissionais nos diversos contextos.</p>	<p>Conclui-se que há deficiência na formação educacional dos profissionais que lidam com a morte e o luto, sobretudo aqueles que trabalham em contextos de saúde. Observou-se a necessidade da criação de programas voltados à educação para a morte nos currículos dos profissionais e na sociedade de maneira geral, incluindo medidas interventivas e protocolos em terapia cognitivo-comportamental para adquirir competências no enfrentamento adequado e saudável dessas experiências.</p>

<p>Desafios do enfermeiro diante da dor e do sofrimento da família de pacientes fora de possibilidades terapêuticas.</p> <p>Autor: Maria de Fátima Prado Fernandes; Janete Hatsuko Komessu.</p> <p>Palavras-chave: Cuidados de enfermagem. Estado terminal. Família. Dor.</p> <p>Tipo do trabalho: Qualitativo.</p>	<p>Identificar os desafios dos enfermeiros para assistir às famílias de pacientes fora de possibilidades terapêuticas diante da dor e do sofrimento.</p>	<p>Conclui-se que os enfermeiros que têm experiência de assistir às famílias de pacientes fora de possibilidades terapêuticas, diante de sua dor e sofrimento, necessitam dialogar com os menos experientes e os recém-formados que estão se iniciando nessa modalidade de cuidar, considerando que todos estão em processo permanente de aprendizagem. A literatura em Enfermagem confirma que há lacunas na formação acadêmica dos enfermeiros para assistir às famílias de pacientes fora de possibilidades terapêuticas.</p>
<p>Significado da morte para os profissionais de enfermagem que atuam no CTI.</p> <p>Autor: Maria Aparecida Vieira; Selen Jaqueline Souza; Roseni Rosângela Sena.</p> <p>Palavras-chave: Enfermagem, Enfermeiras, Morte, Atitude Frente a Morte, Unidades de Terapia Intensiva</p> <p>Tipo do trabalho: Estudo epidemiológico, de natureza ecológica.</p>	<p>Identificar qual o significado da morte para os profissionais de enfermagem que atuam no Centro de Terapia Intensiva (CTI) da Santa Casa de Montes Claros-MG.</p>	<p>A apropriação do conhecimento advindo deste estudo, encarado de forma aproximativa e inacabada, mostrou-se relevante por suscitar reflexões sobre o lidar com a morte no cotidiano de trabalho no CTI, para os profissionais de enfermagem, através de seus discursos e da literatura consultada.</p>
<p>Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde.</p> <p>Autor: Héliida Ribeiro Hermes; Isabel Cristina Arruda Lamarca</p> <p>Palavras-chave: Morte, Cuidado paliativo, Humanização, Equipe interdisciplinar.</p> <p>Tipo do trabalho: Revisão Bibliografica</p>	<p>Este artigo trata da questão da morte e do morrer, tanto do ponto de vista tradicional quanto contemporâneo, e como os cuidados paliativos foram tratados nas categorias de medicina, assistência social, psicologia e enfermagem Como o objetivo de ampliar a discussão sobre cuidados paliativos em saúde pública e fornecer informações para estudos futuros que abordarão o tema.</p>	<p>A análise dos artigos apontou para uma carência de disciplinas que tratem da temática da morte nos currículos profissionais, para poucos serviços de cuidados paliativos na sociedade brasileira e para barreiras que se colocam a esse novo olhar ao paciente terminal.</p>

<p>Os afetos na analítica existencial de Martin Heidegger.</p> <p>Autor: Giovani Augusto dos Santos. Palavras-chave: Befindlichkeit; Stimmung. Afetos. Analítica existencial. Heidegger.</p>	<p>Objetivo deste trabalho é analisar esses fenômenos, especificamente na analítica existencial do ser - aí.</p>	<p>A falta de preparo durante a formação profissional pode repercutir em sua prática, podendo trazer prejuízos psicológicos aos profissionais. Ressalta-se a importância da tanatologia ser inserida na matriz curricular e que a equipe de enfermagem receba, continuamente, capacitações e aperfeiçoamentos.</p>
<p>O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs.</p> <p>Autor: Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez e Maria Helena Ciampone.</p> <p>Palavras-chave: Atitude frente a morte; Morte; Unidades de Terapia Intensiva; Equipe de enfermagem.</p> <p>Tipo do trabalho: Qualitativo.</p>	<p>O objetivo deste estudo foi identificar as concepções culturais relacionadas ao processo de morrer e à morte no contexto de trabalho dos profissionais de enfermagem de UTIs.</p>	<p>O objetivo deste estudo foi identificar as concepções culturais relacionadas ao processo de morrer e à morte no contexto de trabalho dos profissionais de enfermagem de UTIs.</p>
<p>Profissionais de enfermagem e a morte em unidade de terapia intensiva: revisão integrativa da literatura.</p> <p>Autor: Nytale Lindsay Cardoso Portela.</p> <p>Palavras-chave: Atitude Frente a Morte; Equipe de Enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva.</p> <p>Tipo do trabalho: Revisão integrativa.</p>	<p>Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, por meio de busca nas bases de dados BDNF e LILACS, com as seguintes combinações de descritores: morte equipe de enfermagem, atitude frente à morte, equipe de enfermagem, atitude frente à morte e Unidades de Terapia Intensiva. Das 294 publicações encontradas, foram selecionados 10 artigos publicados no período de 2004 a 2013 para a construção do presente estudo.</p>	<p>Os resultados evidenciaram que os sentimentos da equipe de enfermagem diante da morte são: compaixão, indiferença, impotência, ansiedade, culpa, negação, envolvimento emocional, empatia e tristeza.</p>

<p>Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.</p> <p>Autor: Karina Dal Sasso Mendes; Renata Cristina de Campos Pereira Silveira; Cristina Maria Galvão. Palavras-chave: Pesquisa. Enfermagem. Saúde.</p> <p>Tipo do trabalho: Revisão Integrativa.</p>	<p>O objetivo do estudo foi apresentar os conceitos gerais e as etapas para a elaboração da revisão integrativa, bem como aspectos relevantes sobre a aplicabilidade deste método para a pesquisa na saúde e enfermagem.</p>	<p>Para fazer a diferença no que tange a assistência à saúde e de enfermagem, é imprescindível vincular o conhecimento oriundo de pesquisas e da prática clínica. A revisão integrativa é um método de pesquisa incipiente na enfermagem nacional, porém a sua contribuição na melhoria do cuidado prestado ao paciente e familiar é inegável. A síntese dos resultados de pesquisas relevantes e reconhecidos mundialmente facilita a incorporação de evidências, ou seja, agiliza a transferência de conhecimento novo para a prática.</p>
<p>Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde.</p> <p>Autor: Geraldo Magela Salomé; Amanda Cavali; Vitória Helena Cunha Espósito.</p> <p>Palavras-Chave: Assistência de enfermagem; Morte.</p> <p>Tipo do Trabalho: Pesquisa qualitativa.</p>	<p>Conhecer as experiências vivenciadas pelos profissionais de enfermagem que trabalham e convivem com a morte em unidade de emergência, possibilitando momentos de reflexão sobre seus significados.</p>	<p>Observou-se que o profissional de enfermagem não está preparado para lidar com tais situações, pois assume um compromisso pela preservação da vida. Também foi possível observar que os sujeitos da pesquisa vivenciam o luto pela morte dos pacientes aos quais prestam cuidados.</p>
<p>Profissionais de enfermagem e o processo de morrer e morte em uma unidade de terapia intensiva.</p> <p>Autor: Tatiane de Aquino Demarco Mattos; Celmira Lange; Diana Cecagno; Simone Coelho Amestoy; Maira Buss Thofehr; Viviane Marten Milbrath.</p> <p>Palavras-Chave: Morte; Enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva.</p> <p>Tipo do trabalho: Qualitativo do tipo descritivo e</p>	<p>Objetivou-se com o desenvolvimento deste estudo conhecer os sentimentos vivenciados por esses trabalhadores diante do processo de morrer e de morte de pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), bem como os mecanismos utilizados para o enfrentamento dessa questão.</p>	<p>Percebeu-se a dificuldade que os profissionais têm de expressar seus sentimentos em relação ao processo de morrer, principalmente no que se refere à própria morte. Percebemos a existência do medo de morrer, do sofrimento e da dor. Isso mostra que, embora as participantes do estudo convivam diariamente com o processo de morrer e de morte na UTI, elas possuem dificuldades para enfrentá-la, preferindo, na maioria dos casos, evitar o envolvimento com o paciente e sua família, a fim de preservar sua saúde psíquica.</p>

exploratório.		
---------------	--	--

Fonte: Artigos encontrados nas plataformas da Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed.